



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
CÂMARA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

Processo: nº. 23073.003632/2019-95

Interessada: Universidade Federal do Pará (UFPA)

Assunto: Concessão de título de professora emérita à docente aposentada Maria Sylvania Ferreira da Silva Nunes

PARECER Nº. 11/2019 – CEG

I – RELATÓRIO

• **Histórico**

O Magnífico Reitor da UFPA, Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho, ao provocar a Câmara de Ensino, me atribui a difícil tarefa de relatar o processo que discute a concessão de título de Professora Emérita à Maria Sylvania Ferreira da Silva Nunes.

Entre os documentos que constam do processo temos: (1) o OF. N. 112/2019/GR/UFPA ao CONSEPE contendo argumentos relevantes a concessão do título; e (2) um dossiê produzido por Maria Regina Maneschy com as “boas referências” sobre Maria Sylvania. Trata-se de documentos que oferecem ao/a leitor/a que desconhece e mesmo aos que conhecem o movimento cultural da cidade de Belém, tomar nas mãos um pouco da história da indicada ao título de Professora Emérita da Instituição.

A tarefa é uma ironia do destino, entrega-me a oportunidade de me manifestar sobre o tema, juntando-me aos que me antecedem na escrita, e me permite romper com o ciclo de homenagens que, em geral, só concede tamanho galardão – como se diz em Portugal – a docentes homens.

Lembro que certa vez, ouvi de uma liderança indígena que nós na UFPA só homenageamos bispos e professores. Ele prosseguiu: outros Conselhos reconheceram indígenas de diversas etnias, porque vocês não agem de forma plural? Fiquei sem palavras, mas ao me refazer disse vamos procurar pessoas indígenas para modificar a relação assimétrica. E informo aos/as senhores/as que estamos em busca de novos

referenciais de conhecimento para contemplar a diversidade da Amazônia. Agora, o processo de Maria Sylvia me confere a possibilidade de transgredir a norma que, se não deixa de nos contemplar – nós mulheres de “boa cepa” – também não reconhece o trabalho que fazemos. Pensar a inversão é buscar fazer justiça!

Em números, concedemos 46 títulos de Professor/a Emérito/a a 46 docentes, em 61 anos de existência da Instituição, agora reflitam, apenas quatro títulos foram concedidos a professoras, menos de 10% do total de láureas concedidas. O primeiro foi concedido à Dr^a. Betina Ferro de Souza, em 1984; o segundo à Dr^a. Clara Maria Pandolfo, em 1989; o terceiro à Dr^a. Maria Anunciada Chaves em 1992; e o quarto à Dr^a. Violeta Refkalefsky Loureiro em 2015. Todas merecedoras do título, mas é de se perguntar, apenas elas, será que não há indícios de discriminação? Prefiro pensar que é desconhecimento do nosso trabalho. Fecho o parênteses reflexivo.

A missão de relatar o processo me conduziu à Zélia Amador de Deus, que com cuidado e carinho me concedeu o seguinte depoimento:

Conheci Maria Sylvia, Mara Sylvia, como a chamo até hoje, o Mara é de Maravilhosa mesmo, no início da década de 1970, quando entrei para a Escola de Teatro da UFPA, para fazer o curso de formação de ator. Mara Sylvia era professora da Escola que ela havia ajudado a fundar, nos idos da década de 1960.

Naquele tempo a Escola funcionava, na travessa Quintino Bocaiuva em um casarão que se localizava entre a Av. Brás de Aguiar e Avenida Nazaré. Aquele casarão pegou fogo e a Escola se foi, no incêndio tudo queimou, tudo se perdeu. Mara Sylvia ministrava aulas de uma disciplina chamada História do Espetáculo que era oferecida aos alunos do terceiro ano do curso. Após o incêndio a Escola passou a funcionar num casarão situado a Trav. Padre Prudêncio, ao lado da, hoje sede da OAB, antes, Faculdade de Direito da UFPA. Enfim, naquele casarão fui aluna de Maria Sylvia, jamais esqueci de suas aulas, com ela aprendi muito, durante o ano em que fui sua aluna colaborei como voluntária na pesquisa que ela fazia sobre teatro no Pará. Não soube mais desse material, mas ela possuía muita coisa.

Para além de aluna me tornei amiga de Mara Sylvia, muito amiga, amizade que perdura até então, uma das coisas boas que aconteceu em minha vida. Ser amiga daquela mulher delicada, elegante, gentil, sábia e arrojada. Sim, pois não fora ela a realizar a primeira montagem do poema/auto de autoria do poeta João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”, muita coragem, muito arrojo, grande ousadia, tenho orgulho de ter sido, não apenas aluna, mas discípula de Mara Sylvia, minha eterna professora de História do Espetáculo, minha professora de Francês e minha amiga. Maria Sylvia é, talvez a mulher mais elegante que conheço, um elegância sóbria e silenciosa, creio que sua elegância é aquela que Caetano Veloso define como sendo a elegância discreta, sutil.¹

¹ *Reconvexo* é composição de Caetano Emmanuel Veloso cantada por Maria Bethania em álbum, também, denominado *Reconvexo*

*Evoé² Mara Sylvia, fazes parte da minha formação como pessoa, sou lhe grata.
Muito grata!*

Zélia é sempre feliz em suas descrições. Lembrar de Caetano Veloso e sua frase: “Quem não amou a **elegância sutil** de Bobô”³ é uma primorosa referência àquela a quem ela chama Mara Sylvia, juntando a sutileza à discrição, produz o equilíbrio que transforma nossa indicada à homenagem em Maravilhosa e nos faz refletir sobre as dádivas que ao longo dos anos nos ofereceu, enquanto não se aposentou e, mesmo hoje, quando aposentada, colabora na condução do Conselho da Editora da Universidade, ocupando-se em presidi-lo. Penso que ao viver a UFPA cotidianamente, devemos preservar o legado instituído com afinco por Maria Sylvia, cujas alterações de tom só se faziam presentes em leituras dramáticas, ela produziu/produz filigranas em metal nobre, ela lapida gostos e influencia pessoas.

Outro ponto a destacar no relato de Zélia é *reconvexo*, creio não ter sido à toa, pois Maria Sylvia é sem sombra de dúvida *reconvexa*, pois uma das muitas conotações do vocábulo é indicar a união de pontos em curva, exatamente aqueles que se encontram próximos ao/a observador/a ignorando as linhas retas, dando relevo aos pontos. Na medida em que agregou/agrega pessoas e pontencializa suas expressões.

A referência feita por Zélia à montagem de “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, é uma das ousadias da mulher Mara Sylvia que, vivendo intensamente o seu tempo, nos ensina a ocupar o lugar que nos cabe, enquanto intelectuais da/na Amazônia.

As escolhas de Maria Sylvia na Escola de Teatro, fazem desfilar diante de nós autores/as nacionais e internacionais, que eram interpretados/as pelos/as inúmeros/as alunos/as que contribuíram com os espetáculos levados pela Escola.

Pode-se dizer, fazendo coro com Maria Sylvia, que em Belém todas as pessoas que “se importam” com a Cultura “estudaram na”, “passaram pela” e/ou “permaneceram na” Escola de Teatro. Lá prepararam suas vozes, seus corpos para atuar como atores/as em diversos espaços. Nomes como João César Maciel Mercês e Walter Gonçalves Bandeira que conheço e conheci bem de perto, que não se

² Brado que expressa entusiasmo, exaltação e intensa alegria, elevado para homenagear Dionísio que no panteão grego é conhecido como o Deus do vinho, da fertilidade e do teatro.

³ Bobô, foi o incrível “camisa 8”, do Bahia, clube que conquistou o título brasileiro em 1988, à época chamada de Copa União, sob o comando do técnico Evaristo Macedo, vencendo o Internacional de virada, tendo no gol o divino Taffarel. Um dos grandes nomes do futebol brasileiro nos anos 80 e 90, jogou na seleção canarinho, sob a regência de Sebastião Lazaroni, ficou conhecido pela forma de cuidar da bola, segundo os baianos, com carinho e cabecear de forma elegante, daí a homenagem de Caetano Veloso em *Reconvexo*.

restringiam ao teatro, atuavam na UFPA, como técnico em restauração e docente, respectivamente. São vozes inconfundíveis, autoridades irrefutáveis no que fazem ou fizeram, são muitas as saudades do aprendizado com João Mercês no Museu da UFPA à lembrança da música, do ritmo, do gingado e da irreverência de Walter.

Como nos é dado a ver, Maria Sylvia se desdobra e se prolonga nas pessoas que formou, as quais seguem os cânones da formação em si e, como a mestra, atravessam os muros da UFPA, e ampliam os horizontes de outras tantas pessoas.

Nas pequenas citações que faço vocês podem se aperceber do vasto campo coberto por Maria Sylvia, não apenas no teatro, também na museologia, na dança, no canto, espraiando-se pelas musas do Olimpo referidas na Grécia Antiga: Calíope (eloquência), Clio (história), Érato (poesia lírica), Euterpe (música), Melpômene (tragédia), Polímnia (poesia sagrada), Terpsícore (dança), Talia (comédia) e Urânia (astronomia). Entidades a quem era atribuída a capacidade de inspirar a criação artística ou científica. Com as nove filhas de Mnemósine (Memória) e Zeus e nós poderíamos ficar horas a desvendar os fios que nossa candidata teceu em mantos de encantamento, mas deixo as metáforas à reflexão para que cada um se distraia com a mitologia grega, pois como mito, ele se atualiza entre nós, Maria Sylvia se agigantou pela cidade, contribuiu definitivamente, não apenas, com o Teatro.

Vale destacar sua atuação junto a diversos governantes do Pará, que seu cabedal e respeitabilidade a fizeram constituir, como diz Regina Maneschy:

Maria Sylvia foi a grande incentivadora e contribuiu efetivamente para a criação do concurso de Canto Internacional Bidu Sayão, homenageando a célebre cantora Bidu Sayão. O concurso, infelizmente interrompido em sua 9.ª edição, buscava incentivar o surgimento de novos artistas líricos, especialmente os cantores paraenses de hoje.

Ainda no âmbito da Secretaria de Cultura, Maria Sylvia também participa e é grande estimuladora do Festival de Ópera do Teatro da Paz e incentivadora da formação da Orquestra Sinfônica do mesmo teatro.

A realização do Festival de Ópera e os concertos da orquestra estão integrados à vida cultural de Belém. Já foram executados, entre outros títulos, Macbeth, Rigoletto e La Traviata, de Verdi; A Viúva Alegre, de Lehár; Pagliacci, de Leoncavallo; A flauta mágica, de Mozart; Carmen, de Bizet; Romeu e Julieta, de Gounod; O barbeiro de Sevilha, de Rossini; Madamma Butterfly, Gianni Schicchi, La Bohème e Tosca, de Puccini; Il Guarany, de Carlos Gomes e, em primeira audição, depois de suas estreias há mais de cem anos, as óperas Bug Jargal e Yara, do paraense Gama Malcher.

Todo esse incentivo levou a que dois cantores paraenses, Adriane Queiroz e Atalla Ayan, que iniciaram como solistas da orquestra, hoje brilhem em palcos da Europa e dos Estados Unidos. (fls. 29 do Processo).

- **Análise**

Considerando o exposto, suspeitando que talvez nossa voz e escrita não façam justiça completa à quem tanto se dedicou à UFPA, digo que essa é uma vida profissional que vale a homenagem à musa multifacetada que se chama Maria Sylvia Ferreira da Silva Nunes, propondo que todos digam *Evoé* em grande festa de outorga do título, o plenário do Conselho será exíguo para nós que discípulos/as da Musa a homenagearemos.

Faço uma proposição, sugiro que a solenidade em caso de aprovação seja no Teatro *Cláudio Barradas*, na Escola criada pela homenageada e em solo de reconhecimento de um de seus muitos alunos. Antevejo uma festa bradada ao som das festas dionisíacas de regozijo.

II – PARECER E VOTO DA RELATORA

Voto pela concessão do título à Maria Sylvia Ferreira da Silva Nunes, aquela que ainda sem ser, é emérita pela contribuição ao mundo cultural. Termino com o brado de Zélia, agora ajustado aos/as muitos/as discentes que formou: *Evoé* Maria Sylvia, fazes parte da nossa formação como pessoas, como profissionais, somos lhe gratos/as a sua existência. Muito gratos/as!

Este é o meu parecer, s.m.j.

Prof^a. Jane Felipe Beltrão
Relatora

III – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Ensino de Graduação acompanha o voto da relatora.

Sala de Sessões, em 10 de abril de 2019.

Prof. Edmar Tavares da Costa/Presidente

Prof^a. Maria Ataíde Malcher

Prof. Alcy Favacho Ribeiro

Prof. Tadeu Oliver Gonçalves

Prof. Yvens Ely Martins Cordeiro

Téc-Adm. Maria da Conceição Gonçalves Ferreira

Discente Ronaldo Nunes Ramos